

HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS: UM NOVO OLHAR HISTORIOGRÁFICO

LÚCIA HELENA M. M. OLIVEIRA *
DÉCIO GATTI JÚNIOR **



Alunos e Mestres em frente ao Colégio Santa Tereza em Ituiutaba, MG. (Acervo do Colégio, 1942)

Neste texto são apresentados apontamentos metodológicos para a História da Educação, especificamente para a história das instituições educativas, tornando-se necessário rever as transformações pelas quais tem passado nos últimos tempos as investigações no campo da História da Educação. Em oposição à Historiografia Tradicional surgiu um novo olhar historiográfico, com um sentido mais amplo, complexo e abrangente sobre os espaços sociais destinados à educação escolar, atribuindo muita importância às suas singularidades e particularidades.

Dentre as muitas inovações que se processaram, nos interessa, nesse texto, as pesquisas que buscam dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando o que se passa no interior das escolas (GATTI JR.,1997: 07). Essa renovação sugere que novos questionamentos se cruzem com o alargamento das problemáticas, a diversidade dos contextos e aos modelos e práticas educativas.

Observamos também uma grande preocupação da nova historiografia em rever o conceito de história institucional, levando em consideração a problematização das instituições na sua relação com a comunidade envolvente. Neste sentido, o itinerário seguido pelos pesquisadores que se preocupam em construir interpretações a respeito das instituições educativas se pauta em apreender elementos que possam conferir às mesmas, um sentido histórico no contexto social de sua época, bem como suas influências até os nossos dias.

* Mestranda em Educação na Universidade Federal de Uberlândia.

** Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Sócio-Fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação. (degatti@ufu.br)

Em geral, nessas interpretações, o pesquisador busca mergulhar na interioridade da instituição a ser investigada, tentando construir uma historiografia que explique melhor os fenômenos e a realidade educativa, ou seja, dê conta dos vários atores envolvidos no processo: *A produção historiográfica, enquanto construção e representação discursiva da realidade, visa o conhecimento da relação, ou melhor, das relações, num contexto de multidimensionalidade* (MAGALHÃES: 53).

Como se pode perceber, historiar uma instituição educativa, tomada na sua pluridimensionalidade, não significa laudatoriamente descrevê-la, mas explicá-la e integrá-la em uma realidade mais ampla, que é o seu próprio sistema educativo. Nesse mesmo sentido, implica-la no processo de evolução de sua comunidade ou região é evidentemente sistematizar e re(escrever) seu ciclo de vida em um quadro mais amplo, no qual são inseridas as mudanças que ocorrem em âmbito local, sem perder de vista a singularidade e as perspectivas maiores. Este é o dilema de quem, ao mesmo tempo, **precisa definir os contornos gerais da floresta, mas também, para não torná-la abstrata e genérica, precisa conhecer a especificidade de suas árvores** (BUFFA e NOSELLA, 1996: 19).

Neste sentido, é significante privilegiar as novas interpretações que realçam a História Regional, objetivando fazer a ponte entre a totalidade e a singularidade. Deste modo, entender a história regional significa inseri-la num contexto mais amplo, no qual as mudanças em âmbito local ocorrem. Assim, historiar uma instituição educativa carece não perder de vista sua especificidade, mas, ao mesmo tempo, compreender sua totalidade.

Ao estabelecer uma relação dialética entre a instituição e sua comunidade, em uma pluralidade de sentidos, emerge nesse caso a necessidade de um redimensionamento dos planos espaço-temporal, privilegiando abordagens do tipo *meso*. Desse modo, pode-se afirmar que é buscando a dimensão *meso*, que se dá vida e intensidade à História da Instituição, conferindo às suas diversas personagens: diretoras, professoras, professores, alunos e demais membros da comunidade, a condição de sujeitos históricos, tendo em vista a grandeza dos pequenos atos, os gestos, as vozes pouco ouvidas ou silenciadas, as práticas escolares, o currículo e o seu projeto educativo. Segundo Nóvoa:

Trata-se de procurar escapar ao vaivém tradicional entre uma percepção micro e um olhar macro, privilegiando um nível meso de compreensão e intervenção. As instituições educativas adquirem dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas. (1992: 15).

Nessa abordagem *meso*, emerge a renovação do conhecimento historiográfico que se objetivando buscar as múltiplas informações, procurando desvendar os vários significados materializados em todas as dimensões que configuram as instituições educativas.

Em sua dimensão física elucidamos os espaços, contextos e estrutura arquitetônica dos edifícios que materializam em cada elemento de sua composição as opções, as concepções, valores e preocupações humanas de sua época. Por outro lado à dimensão humana: os agentes, a relação entre professores, alunos, funcionários, as relações de poder, a participação de sua comunidade envolvente.

Com esta perspectiva, muitas questões instigantes, passam a ser explicadas, a partir do momento que se toma à instituição educativa como uma entidade orgânica, comunicativa, relacional que se constrói numa zona de tensão, marcada por anseios, incertezas, sonhos e práticas em busca de um projeto comum.

Vê-se pois, que construir um discurso que traduza com aproximação toda essa complexidade exige, sem dúvida nenhuma, uma via metodológica problemática relacional, que busca redimensionar o espaço e o tempo, onde a análise historiográfica

possa dar identidade e razão de ser a instituição educativa.

No seu percurso histórico, uma instituição educativa como totalidade a ser construída, sistematicamente compõe sua própria identidade. Nessa composição, ela produz sua cultura escolar, que vai desde a história do fazer escolar, práticas e condutas, até os conteúdos, inseridos num contexto histórico que realiza os fins do ensino e produz pessoas.

Com essa perspectiva, uma investigação dessa natureza evidentemente só poderá ser tecida entre a memória e o arquivo. A memória tenta explicar as relações de hierarquia e valores tanto entre as coisas como entre as pessoas, pois tudo o que nela acontece não é em vão nem tão pouco se perde, às vezes permanece ou se transforma, conforme Justino Magalhães alerta: *Uma história construída da (s) memória (s) para o arquivo e do arquivo para a memória, intentando uma síntese multidimensional que traduza um itinerário pedagógico, uma identidade histórica, uma realidade em evolução, um projecto pedagógico*. Observe-se que, do ponto de vista metodológico, é possível dar sentido profundo a uma instituição sob a luz de uma heurística e hermenêutica que se objetiva problematizar a realidade educativa como totalidade em construção e desenvolvimento, valendo-se de um *Corpus Documental*. Pode-se agora reportar ao fato de que a escola como organização tende a ser considerada como *cultura*. Uma cultura que está em movimento e que se processa na interação dos vários sujeitos no cotidiano escolar. Um conjunto de sujeitos educacionais, como sugere Nóvoa, envolvidos interativamente na construção de um projeto educativo traduz, efetivamente sua cultura escolar.

É interessante perceber que a *cultura escolar* envolve o conjunto do fazer escolar, aquele que determina o que ensinar, o que inculcar, os fins a atingir, mais especificamente, o que transmitir. A escola faz e transmite *cultura*, por meio de seus conteúdos culturais. Ao que tudo indica, o grande desafio do pesquisador consiste em fugir daquilo que é tido como norma para buscar entender como os agentes se apropriam e representam a *cultura*.

Nesse sentido, é importante entender que as representações são *práticas culturais*: que se traduzem no pensar e no fazer o cotidiano escolar. Podemos então buscar perceber que a medida que os atores educacionais pensam e fazem a realidade escolar, eles se apropriam dos modelos culturais que os circundam, reinterpretando e utilizando-os.

Entre os vários dispositivos que constituem uma instituição educativa, chama à atenção a estrutura espacial: arquitetura, plantas, normas de construção dos prédios, comumente normatizadas por projetos estabelecidos pelo governo, impondo o cenário de uma determinada cultura escolar. Não só o espaço físico, mas todo o conjunto didático pedagógico é um revelador significativo da *cultura* de uma instituição: essa é uma dimensão que envolve a ação educativa em si, os professores, as disciplinas, a metodologia de ensino, as estratégias, a organização curricular, os alunos, os gestores.

Também é relevante destacar outro dispositivo, considerado importante na transmissão da *cultura* escolar: as disciplinas escolares. Afinal o que as disciplinas transmitem? Qual o currículo que é normativo e quais são suas finalidades? Como se configuram os programas de ensino? Que saberes são transmitidos? Por que são transmitidos? Quem os determinam? Estes e outros questionamentos instigantes diante de uma instituição educativa merecem nossa atenção.

Precisa-se considerar também que os rituais que a escola produz no seu cotidiano, consolidam o contexto sócio-cultural que a instituição se insere.

Entre as muitas fontes utilizadas para investigar as instituições educativas, consideramos relevante que o pesquisador recorra à História Oral para historiar uma instituição educativa, na perspectiva de estar compreendendo que os mais velhos ou as pessoas mais comuns envolvidas no processo, sabem mais a respeito de alguma coisa.

Considera-se que fontes como os arquivos escolares nem sempre estão integralmente resguardados e conservados, mas se constituem em grandes potenciais informativos: são

os relatórios, anuários, atas, livros de matrícula, livro de pontos, ata de fundação, termo de visita, por outro lado, existem documentos pedagógicos como os livros didáticos, impressos de planejamento, atas de reuniões pedagógicas além do registro dos eventos cívicos e comemorativos através das imagens Interpretar imagens fotográficas tem sido uma prática muito usada nos estudos sobre as instituições educativas, pois possibilita ampliar a interpretação da dinâmica educacional. Essas fontes veiculam entre a recordação e a memória e para fazer sua leitura é necessário um olhar crítico e revelador.

Como se pode perceber nesta breve exposição, fazer um estudo sobre instituições educativas é muito importante e muito instigante. Além, dos aspectos abordados outros merecem ser explorados, contribuindo assim com os novos apontamentos metodológicos para o estudo da História da Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.** *Teoria e Educação*, Porto alegre, n.2, 1990, p177-229.
- CUNHA, Marcus Vinícius da. *Ideário e imagens da educação escolar. (org.)* – Campinas SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 73).
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos Pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000.*
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* / Carlo Ginzburg: tradução Betania Amoroso.-São Paulo: Companhia da Letras, 1987.
- MAGALHÃES, Justino. **Comunicação: Contributo para a História das Instituições Educativas - entre a memória e o arquivo.** *Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.*
- NOSELLA, Paolo/Ester Buffa. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos.** *EDU FS Car, 1996.*
- NÓVOA, Antonio (coord). **As organizações escolares em análise.** *Lisboa. Publicações D. Quixote, 1992.*
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral/ Paul Thompsom; tradução Lólio Lourenço de Oliveira-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.**
- SILVA, Marcos (coord). **República em Migalhas. História Regional e Local.** *São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.*